
LEIA NESTA EDIÇÃO

1 - Momento de Reflexão; 2 - BRASIL- EXPORTAÇÕES DE MEL DEZEMBRO 2011; 3 - Aumento das exportações amplia mercado do mel brasileiro; 4 -Mel Orgânico; 5 - Abelhas africanas contribuíram para o sucesso do mel brasileiro; 6 -DF: cadeia produtiva do mel se reúne na segunda-feira; 7 - Creme de veneno; 8 - Veneno de abelha vira botox natural em Tatuí-SP; 9 - Própolis vermelha combate células de leucemia; 10 - Pesquisador: Brasil registra sumiço de abelhas e risco para agricultura; 11 - Setor apícola busca prazo no Rispoa

1 - Momento de Reflexão

"A cortesia tem um grande poder, entretanto, não custa nada" - Samuel Smiles

2 - BRASIL- EXPORTAÇÕES DE MEL DEZEMBRO 2011

No mês foram exportadas 1,748 toneladas (+5.9%), totalizando 5.6 milhões de dólares (+1.9%) a um preço médio em dólares por tonelada de 3,224 (-3.7%). Em todo o ano foram exportadas 22,398 toneladas (+20.2%), totalizando 70.7 milhões de dólares (+28.7%) a um preço médio em dólares por tonelada de 3,164 (+8.5%). Todas as porcentagens, em relação ao mesmo período do ano passado.

Fonte: www.apinews.com.br – 26/01/2012

3 - Aumento das exportações amplia mercado do mel brasileiro

São Paulo foi o estado com maior volume de vendas ao exterior. De janeiro a novembro de 2011, o país enviou ao exterior 20,6 mil toneladas de mel, com receita de US\$ 65,2 milhões. Os números demonstram aumento de 24,1% em valor e 17,8% em peso, em relação ao mesmo período de 2010, segundo levantamento do Sebrae. O preço médio pago pelo produto exportado foi de US\$ 3,16/kg, crescimento de 0,6% na comparação com o ano passado.

São Paulo lidera a lista dos estados brasileiros exportadores, com 5,3 toneladas, ao preço de US\$ 3,19 o quilo e valor total de US\$ 16,9 milhões. Em segundo lugar vem o Rio Grande do Sul, com 3,9 toneladas, US\$ 3,08 o quilo e US\$ 12,1 milhões. Em terceiro, o Ceará exportou 3,6 toneladas, a US\$ 3,14 o quilo e US\$ 11,5 milhões em vendas ao exterior. Em quarto lugar, está o Piauí, que conseguiu o melhor preço para o produto, US\$ 3,23/quilo, e vendeu 3,3 toneladas e US\$ 10,9 milhões.

O resultado reflete a realidade da Cooperativa Mista dos Apicultores da Microrregião de Símplicio Mendes (Coomapi), no Piauí. A produção de mel saltou de 176 toneladas, em 2010, para 400 toneladas, em 2011. Para o gerente administrativo da Coomapi, Paulo José da Silva, o crescimento decorre de mudanças internas como aumento da florada, melhoria técnica por parte dos produtores brasileiros e crescimento do consumo.

Paulo também aponta aspectos externos. "Recentemente, a União Europeia proibiu a entrada de produtos geneticamente modificados, a exemplo do milho e da soja". A medida, segundo ele,

possibilitou maior abertura de mercado a produtos de regiões que não enfrentam esse tipo de problema, como o Nordeste brasileiro. "Nosso mel é de produção orgânica e silvestre", destaca.

Na avaliação do gerente de Agronegócios do Sebrae, Enio Queijada, o mercado externo é importante para o apicultor brasileiro, e, em 2012, permanece o desafio de vender mel com valor agregado e diferenciado, mesmo com a existência de barreiras técnicas internacionais. Sobre a questão de inovar o produto, ele destaca que a instituição conta hoje com um portfólio de serviços como o Sebraetec, programa de capacitação e consultoria tecnológica, e o Programa de Alimento Seguro (PAS) Mel.

Destino - Os Estados Unidos foram o principal destino das exportações de mel, com a geração de de US\$ 42,8 milhões em receitas, respondendo por mais da metade do total. A Alemanha ficou em segundo, com US\$ 12,2 milhões. O Reino Unido absorveu US\$ 4,8 milhões dessas vendas. Outros países importadores de mel do Brasil foram Canadá, Israel, França, Cabo Verde, Peru, China, Argentina, Japão e Emirados Árabes.

Fonte: Mídia News - Notícias - 11/01/2012 -

4 -Mel Orgânico

Campo Largo produz, atualmente, mais de 200 toneladas de Mel por ano, das quais, 100 toneladas é de Mel Orgânico. Mas alguns produtores se destacam, produzindo Mel de alta qualidade, com reconhecimento internacional. Um deles, Edilson Gelasko, que produz Mel na região de Bateias, recebeu, recentemente, uma delegação de produtores de Mel do Chile, que vieram ver como era a sua produção.

Edilson começou a produzir Mel em 2003 e, hoje, tem uma produção média de quatro toneladas/ano, 100% orgânico. Para ele, o importante é a qualidade. Por isso está desenvolvendo experiência com a produção de Mel de abelhas nativas, como a Mandaçaia, a Jataí, Manduri e Uruçu, todos de alto valor no mercado.

Apis mellifera - Nas áreas de produção de Edilson Gelasko, em mata fechada, em diversas propriedades na região, centenas de caixas são agrupadas, como se fosse uma "cidade". Cada uma das caixas abriga uma Rainha e entre 40 e 60 mil abelhas, que trabalham o dia inteiro. As abelhas Apis mellifera (africanizadas) se adaptaram bem ao clima da região e a sua produção é considerada acima da média.

Numa parte do ano elas produzem mais própole (ou própolis), uma espécie de massa ou "cimento" com propriedades antibióticas e fungicidas, utilizada pelo ser humano há milhares de anos, como remédio. As abelhas produzem essa substância com resina vegetal e saliva, para vedar e proteger as colmeias.

Edilson explica que a produção de Mel dá muito trabalho, e que só quem gosta, e conhece, é capaz de se firmar no negócio. Muita gente acha que produzir Mel é só comprar as caixas, capturar uma colmeia, e colher o produto. Esses, em geral, não se criam. "É preciso muita dedicação, estudo, aperfeiçoamento constante", explica o produtor. Ele trabalha com dois funcionários e lembra que, além dos custos (uma caixa custa em média R\$ 200,00), há as questões legais, ambientais e os problemas climáticos, que precisam ser observados quase que diariamente.

Muita chuva, calor, muito frio, falta de água, tudo em excesso prejudica a produção de Mel. As

abelhas precisam de temperatura amena, sombra, água fresca e muitas flores. Por isso a importância da implantação dos apiários e do meliponário. Há, ainda, as questões ambientais, que necessitam ser observadas e a questão da segurança para quem lida com os insetos. “Todos os equipamentos precisam estar limpos, e as normas precisam ser seguidas, é quase um ritual o preparo do fumegador, com galhos de erva Mate, o preparo das roupas de proteção, tudo. Mesmo assim, há dias em que as abelhas estão muito agitadas, é preciso respeitar o momento delas”, explica.

Merenda - Parte da produção de Mel de Edilson Gelasko será entregue para a Prefeitura Municipal, a partir desse início de ano, para compor a Merenda Escolar. Ele acredita que a introdução do Mel, feita pela Prefeitura, através das secretarias do Desenvolvimento Rural e da Educação, será importante para os produtores, mas muito mais importante para as crianças, que vão enriquecer a sua alimentação. Nesse primeiro semestre de 2012, as crianças da Rede Municipal de Ensino vão receber pelo menos uma tonelada de Mel, na Merenda Escolar. Há previsão de mais uma tonelada, no segundo semestre.

Turismo - Outro interesse de Edilson é com o Turismo do Mel, que ele vem desenvolvendo em sua propriedade, na Estrada do Cerne KM 34. “Nós estamos em plena safra do Mel, que começa em Novembro e vai até Março. Depois vem a safra da própole, que vai até Maio. Muita gente vem nos visitar, inclusive turistas de outros estados, interessados em levar Mel puro, orgânico, para casa”, explica. Ele trabalha, ainda, com o turismo ecológico, em parte da sua propriedade, com área para receber grupos, com toda a estrutura, inclusive com alojamentos e área para camping. O telefone do produtor é (41) 3648-1346.

Fonte: Folha de Campo Largo - Campo Largo/PR - 06/01/2012 -

5 - Abelhas africanas contribuíram para o sucesso do mel brasileiro

Abelhas africanas contribuíram para o sucesso do mel brasileiro. Em 2011, a receita com as exportações brasileiras de mel cresceu 25%, para US\$ 65 bilhões, favorecidas pelo embargo ao mel chinês e o misterioso desaparecimento de milhões de abelhas nos EUA e na Europa. O mel brasileiro, considerado de excelente qualidade e isento de produtos tóxicos, vem ampliando o seu mercado no exterior.

O Piauí hoje é um dos principais polos apícolas do país. Parte do sucesso do mel brasileiro se deve a um desastre ocorrido em 1957, quando abelhas africanas escaparam de um laboratório e se espalharam pelo país. Embora mais agressivas, as abelhas africanizadas, resultado do cruzamento entre as africanas e as européias, são bem mais produtivas.

Fonte: Olhar Direto - Cuiabá/MT - Agronegócios - 11/01/2012 -

6 -DF: cadeia produtiva do mel se reúne na segunda-feira

Os integrantes da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Mel e Produtos da Abelha se reunirão na segunda-feira, 13 de fevereiro, em Brasília. Na ocasião, representante da Secretaria de Política Agrícola dará esclarecimentos sobre a Cédula do Produto Rural (CPR) e sua viabilidade para a atividade apícola. Criada em 1994, a CPR, é o primeiro título de crédito para o financiamento privado do custeio das atividades rurais, sem tutela ou interferência do Governo.

Um representante da Secretaria de Defesa Agropecuária abordará o andamento das negociações do novo regulamento europeu e as normas para o mel com pólen geneticamente modificado. O

coordenador-geral de Apoio às Câmaras Setoriais e Temáticas, Aguinaldo José de Lima, também irá apresentar o calendário de reuniões da câmara e ações programadas para este ano. A Câmara é um fórum consultivo ligado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Serviço: 24ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Mel e Produtos da Abelha Data: 13 de fevereiro de 2012 (segunda-feira); Hora: 10h às 17h; Local: Auditório térreo do edifício-sede do Ministério da Agricultura, Brasília (DF).

Fonte: Página Rural - Porto Alegre/RS - Notícias - 13/02/2012 -

7 - Creme de veneno

Mônica Tarantino - Febre entre as celebridades internacionais, começa a ser usado no Brasil tratamento à base de substância extraída do veneno da abelha.

A atriz Gwyneth Paltrow e a duquesa Kate Middleton estão entre as mulheres que usam cremes e máscaras contendo a melitina. Uma nova mania surgida na Inglaterra para atenuar rugas e marcas de expressão está chegando ao Brasil. É o tratamento contendo melitina, uma proteína que é o mais importante elemento do veneno da abelha.

A onda começou no fim do ano passado, quando as duquesas Kate Middleton e Camilla Parker Bowles, da família real inglesa, revelaram-se usuárias de produtos faciais contendo a substância. As atrizes Michele Pfeiffer e Gwyneth Paltrow também se declararam fãs do composto. Todas estão usando os cosméticos com melitina feitos pela esteticista Deborah Mitchell, a favorita de Camilla. Em Londres, ela assinou contratos milionários para multiplicar a produção da máscara que aplica para obter uma espécie de ação tensora imediata, promovendo o chamado efeito Cinderela – pele mais esticada e com menos marcas por cerca de uma semana.

No Rio de Janeiro, a dermatologista Karla Assed incorporou a melitina ao menu de tratamentos diferenciados que gosta de oferecer em sua clínica. “Garimpo novidades ao redor do mundo”, diz. Se o objetivo é um efeito rápido para sair à noite com a pele mais bonita, a dermatologista usa cremes à base de proteína – manipulados em farmácia - após uma sessão de laser para obter a ação tensora imediata.

“O efeito dura até uma semana”, garante. Se a intenção é nutrir e amenizar marcas por tempo mais prolongado, Karla sugere quatro sessões de laser e depois o uso regular do creme. “Só é contraindicado para quem tem alergia à picada de abelha”, diz a especialista, que conheceu a substância durante um congresso em Seul, na Coreia do Sul, em outubro. Curiosa por novos ativos, ela também oferece terapias com substâncias contendo veneno de cobra ou secreções de caracol.

Os mecanismos de ação da melitina têm sido bastante estudados. “Ela representa 60% do veneno da abelha, tem ação anti-inflamatória comprovada e age em nível molecular de maneiras que estão sendo investigadas”, afirma o pesquisador Daniel Carvalho, do Instituto Butantan, de São Paulo, especialista no estudo do veneno das abelhas. Na pele, levanta-se a hipótese de que ela aumentaria a produção de colágeno e elastina – compostos que dão sustentação à pele –, de células de defesa e de enzimas benéficas à cutis. “Fiquei surpreso com a quantidade de estudos sobre o uso cosmético, mas ainda não há nada conclusivo”, pondera Carvalho.

Fonte: Página Rural - Porto Alegre/RS - Notícias - 13/02/2012 -

8 - Veneno de abelha vira botox natural em Tatuí-SP

Um laboratório de Tatuí, a 140 km de São Paulo, desenvolveu uma linha de cremes de beleza à base do veneno de abelhas.

A substância - A substância "engana" a pele, transmitindo a sensação de uma picada de abelha e desencadeando uma reação ao veneno. Em laboratório de Tatuí, a 140 km de São Paulo, desenvolveu uma linha de cremes de beleza à base do veneno de abelhas produtoras de mel. O produto aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e lançado comercialmente funciona como um botox natural - a pele reage ao veneno aumentando a produção de colágeno e melhorando a elasticidade. De acordo com o pesquisador e apicultor Ciro Protta, sócio proprietário do laboratório, o princípio ativo do cosmético, que também contém pólen e mel, é a melitina, um aminoácido presente no veneno da abelha.

A circulação sanguínea melhora e as peles mortas são eliminadas, reduzindo as rugas. Protta pesquisa as abelhas há mais de vinte anos e já desenvolveu outros produtos à base de mel, própolis e veneno, lançados comercialmente. A obtenção do veneno sempre foi um problema: quando uma abelha ataca uma pessoa, ela perde o ferrão e acaba morrendo.

O pesquisador criou e patenteou um equipamento que permite a coleta do veneno sem matar as abelhas. Trata-se de uma haste metálica levemente energizada e colocada na entrada da colmeia. Quando a abelha pousa, leva um pequeno choque e reage com ferroadas, expelindo o veneno que escorre para um recipiente. Como não perde o ferrão, a abelha sai ilesa do ataque.

Fonte: Notícias RSS - Notícias - 09/02/2012 -

9 - Própolis vermelha combate células de leucemia

Altamente promissora, a pesquisa tem agora um longo caminho a percorrer até o desenvolvimento de um medicamento natural para combater a leucemia. Há algum tempo já se sabe que a própolis brasileira é a melhor e a mais rica do mundo. Desde 1995, o professor Yong Park, da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp, classificou 12 grupos dessa substância natural e constatou que ela possui atividades antimicrobianas, anticancerígenas e anti-HIV, para ficar em apenas três exemplos.

Mais recentemente, sua equipe descobriu classificou um 13º grupo, constituído pela chamada própolis vermelha, que ocorre somente no Nordeste do Brasil. Testes de laboratório comprovaram que a própolis vermelha é capaz de induzir a apoptose (morte programada) em células leucêmicas humanas. Altamente promissora, a pesquisa tem agora um longo caminho a percorrer até o desenvolvimento de um medicamento natural para combater a leucemia.

"Dois dos desafios são identificar e isolar a substância que tem o efeito citotóxico. Depois, é preciso fazer os testes pré-clínicos e clínicos. Por enquanto, o que nós fizemos foi constatar a atividade da substância no combate às células leucêmicas e comprovar que a ação da própolis vermelha é maior do que a da própolis verde, que é a mais comum no Brasil", explica o farmacêutico Gilberto Franchi, membro da equipe.

Própolis vermelha - Os cientistas começaram o trabalho coletando a própolis vermelha em colmeias localizadas nas proximidades da costa e de rios nordestinos. De acordo com o professor Park, foi observado que as abelhas coletavam o exsudato vermelho, uma substância resinosa da superfície da planta *Dalbergia ecastophyllum*, conhecida popularmente como rabo-de-bugio.

Tanto a própolis quanto o exsudato foram analisados e ambos apresentaram similaridade entre seus componentes químicos. Em seguida, os extratos etanólicos das própolis vermelha e verde foram testados, em células leucêmicas humanas. "Ambos demonstraram capacidade de eliminar as células leucêmicas, mas a própolis vermelha apresentou um efeito mais eficaz", afirma Gilberto.

O resultado do trabalho provocou grande interesse por parte dos pesquisadores da área. Uma das consequências dessa repercussão foi o contato do site Global Medical Discovery Series, que selecionou a pesquisa para publicação na sua próxima edição, que dedica-se especialmente à divulgação de estudos científicos que podem contribuir para o desenvolvimento de futuros medicamentos.

Diferentes tipos de própolis - A própolis é uma resina coletada pelas abelhas melíferas de exsudatos de árvores, principalmente resinas de botões florais jovens. Os insetos misturam cera a essa substância, que depois é utilizada para vedar a colmeia, protegendo assim o enxame do ataque de micro-organismos e outros insetos.

Conforme o professor Park, inicialmente se pensava que a própolis era uma só. Com a realização de diversas pesquisas ao longo dos últimos 16 anos, o pesquisador pôde constatar, no entanto, que a substância varia de acordo com a origem botânica. Assim, a resina coletada no Sul do país apresenta compostos e propriedades diferentes da extraída no Nordeste, em razão das características da flora de cada região.

De maneira geral, no entanto, os testes feitos em aproximadamente 600 amostras coletadas pela equipe do professor Park indicam que a própolis apresenta em sua composição química principalmente polifenóis, flavonoides agliconas e seus derivados. As variações quantitativas desses compostos também estão associadas ao ambiente vegetal.

Considerado a maior autoridade mundial em própolis, o pesquisador da Unicamp se diz honrado e feliz por ter o trabalho reconhecido e, sobretudo, por poder passar metade do ano viajando pelo mundo para compartilhar seus conhecimentos com colegas de diversas áreas interessados no tema. "Temos que continuar pesquisando. O Brasil tem a maior biodiversidade do mundo, e muitas fontes para a produção de medicamentos ainda podem ser descobertas aqui", defende.

Fonte: Diário da Saúde - SIS Saúde - Porto Alegre/RS - Notícias - 02/01/2012 -

10 - Pesquisador: Brasil registra sumiço de abelhas e risco para agricultura

Sem o apelo dos mico-leões, das baleias e das ararinhas azuis, porém fundamentais à ecologia, as abelhas se encaminham para o risco de extinção. Países da Europa e da América do Norte vêm relatando o desaparecimento delas com números preocupantes. "Também há perdas no Brasil, principalmente no Sul, mas também em cidades paulistas. Antes, era muito raro, agora é mais comum", informa o pesquisador americano David de Jong, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto.

- Na Europa, nos EUA e no Canadá, eles descobriram vários motivos para as abelhas morrerem. Agora, especificamente o que está provocando isso, não sabem. Está claro que a perda é muito maior do que era há poucos anos. Sempre houve situações em que morreram muitas abelhas repentinamente. Mas esse fenômeno atual, mais forte, foi descoberto em 2006. Nos EUA, eles perdem, a cada ano, cerca de 35% das colmeias, em média. Alguns apicultores perderam todas (as colmeias). Na Espanha, falaram em 30%, 40% - acrescenta o biólogo, doutor no estudo de insetos e especialista em patologia de abelhas.

Uma teoria atribuída ao físico alemão Albert Einstein (1879-1955) vaticina que, "se as abelhas desaparecerem, o ser humano sobreviverá apenas por mais quatro anos". "Acho que não é dele, mas é uma frase conveniente. Faz um certo sentido. Se chegarmos ao ponto de perder as abelhas, o homem vai junto", opina De Jong, entrevistado por Terra Magazine. Muitos cultivos dependem das abelhas, ele lembra. "Por exemplo, a alfafa, que é muito importante internacionalmente; no Brasil, menos. Precisa-se dela para (se produzir) leite, carne..."

A Argentina também registra a falta de abelhas. "Mais do que nós", compara o especialista. "No Norte e no Nordeste (do Brasil), bem menos", conta. Porém, há casos tão espantosos quanto os de americanos e europeus. "Em pequena escala, sim. Acompanhamos colmeias fortes que, em poucos dias, de repente, ficaram sem abelhas adultas ou com muito poucas. E a gente não tinha uma razão clara. É um sintoma típico nos EUA, e já temos visto isso aqui", descreve De Jong.

Ele afirma que, há cerca de 10 anos, notou-se o aumento de mortalidade desses insetos no território brasileiro, o que se intensificou bastante nos últimos quatro ou cinco anos. Não está muito bem documentado. Mas, em regiões de Santa Catarina, apicultores perderam 2/3 das colmeias, ou até 80%, e a gente tenta entender a razão, pois é área sem agricultura, então, não tem motivo para inseticida estar envolvido.

Mas isso varia, alguns perderam, de um ano para o outro, 70% das colmeias. Na média, estão perdendo 30% a 40% no Sul, sem a gente saber o porquê. Existe a reclamação, mas não existe recurso (para cuidar do caso). Para eu ir lá resolver, preciso pagar do meu bolso - lamenta. Em 2011, revela ele, não havia abelhas suficientes para a polinização de maçãs. "No Brasil, praticamente há dois cultivos em que alugam colmeias: melão, mais no Nordeste, e maçã, no Sul". Trata-se de um desafio mundial: "As áreas de plantação estão muito maiores, nossa necessidade para polinização cresceu bastante".

Existe o temor de que algumas doenças passem para as várias espécies de abelhas nativas. "Nas nossas pesquisas, não encontramos nelas a presença dos novos vírus, mas, além da perda de abelhas por causa do desmatamento, estão morrendo muitas abelhas da apicultura e nativas por causa de inseticidas. São perdas expressivas", destaca o biólogo.

- Se não houver mato, vão sumir muitas dessas abelhas. Em São Paulo não tem muito mato... - avisa De Jong. - Para sumir (de vez), vai demorar. Mas já está acontecendo de diminuir ao ponto de criar problemas. E a tendência é piorar. A menos que a gente controle melhor estes fatores. Em congressos e cursos para técnicos e veterinários, divulgam-se novidades das pesquisas e métodos de diagnóstico desses distúrbios.

- As abelhas são necessárias para a polinização tanto de cultivos quanto de muitas plantas nativas, que produzem madeira, frutos etc. Por exemplo, o maracujá tem uma flor muito grande, a abelha da apicultura não serve. Seria um desastre ecológico sem proporções, morreriam muitos animais, seriam extintas algumas espécies de árvores, mudaria todo o ecossistema, afetando de maneira bastante grave as pessoas.

Explicações - Uma série de adversidades são listadas como possíveis culpados pelo extermínio de abelhas. Além de vírus, De Jong aponta como vilãs algumas substâncias usadas na agricultura. Há indícios evidentes de que fungicidas provocam desnutrição desses animais, diz. Novos inseticidas têm efeito nocivo, deixando mais vulneráveis os insetos ou exterminando-os. "Ao invés de aplicarem no solo, lançam de aviões. Teria que ser sistêmico", reclama o biólogo.

Existe ainda outra praga que dizima enxames. "Aumentou muito a incidência de um fungo, um microsporídio. O nosema apis era um problema em regiões e épocas mais frias. Uma nova espécie, o nosema ceranae, está causando muitos problemas na Europa e nos EUA, e aqui também. Faz isso

em quase todo o ano e está matando muito mais abelhas", ensina. Aspectos genéticos também estão sendo estudados.

Quando passamos a somar todos esses fatores, principalmente nos EUA, minha impressão não é por que as abelhas estão morrendo, é como elas conseguem sobreviver a todos esses problemas que estão enfrentando - avalia De Jong, radicado no Brasil há 32 anos. Ele participa de um grupo de pesquisa sobre o assunto, sediado nos EUA.

"Tenho acompanhado reuniões e pesquisas por lá, visitei apicultores prejudicados e outros que estão superando os problemas. Uma diferença importante é a alimentação (das colônias). Os que estão se dando bem têm investido muito mais esforços e dinheiro em alimentação proteica, em troca de (abelhas) rainhas e de favos", reporta.

Nem as medidas paliativas dos produtores, no entanto, resolvem as necessidades mais urgentes. "Os americanos têm uma demanda muito forte para polinizar amêndoas em fevereiro. Levam 1,5 milhão de colmeias, todo ano. E sempre precisam de mais. E é uma época difícil, de inverno lá. Com isso, o próprio manejo acaba prejudicando as abelhas", detalha De Jong. "Eles levam praticamente todas as abelhas do país para um lugar, a Califórnia, e depois voltam (aos seus lugares de origem). Quer dizer, se tiver doença numa região, ela se espalha rapidamente".

O mercado dos EUA encara verdadeiros dramas por causa da escassez de enxames. Imagine um apicultor que tem contrato para polinizar amêndoa e espera ganhar 170 ou até 200 dólares por colmeia. Ele tem todo o gasto para prepará-las e as abelhas somem ou ficam fracas, não conseguem (realizar o processo). Além de não receber o dinheiro, ele é multado por não cumprir o contrato, aí o pessoal fica desesperado. Começaram a comprar abelhas da Austrália, depois descobriram que assim introduziram novas doenças e as novas espécies não estavam preparadas para as doenças que havia nos EUA.

Fonte: Terra - Home - 03/02/2012 -

11 - Setor apícola busca prazo no Rispoa

Integrantes da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Mel e Produtos Apícolas chegaram à conclusão de que não será possível cumprir todas as novas regras que entrarão em vigor assim que a revisão do Rispoa for concluída. Como o prazo de adaptação será de 180 dias após a publicação do decreto federal, o setor acredita que necessitará de mais tempo para adequar as casas de extração de mel. Segundo o presidente da Associação Brasileira Apícola, José Gumercindo Cunha, seriam necessários 24 meses para a total implementação das mudanças, que, na maioria dos casos, exigiriam obra civil.

O texto final, com ajustes e sugestões do setor, deve ser apresentado pelo Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa) do Mapa numa reunião extraordinária da câmara a ser marcada. Hoje, as casas possuem área de recepção do material do campo separada da de manipulação, local destinado ao processamento do mel, área de envase, local de armazenagem do produto final e banheiro em área isolada externa ao prédio. A construção deve obedecer normas sanitárias do Mapa.

Fonte: SóNotícias - Agronotícias - 20/02/2012 -

SEAB
DERAL - DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - fone: 41 - 3313.4132 - fax: 41 - 3313.4031 - www.seab.pr.gov.br - andrades@seab.pr.gov.br